

"RECORTE"

ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE RECORTES DA IMPRENSA, LDA.

EL	CORREIO DA MANHÃ Lisboa	30. ABR. 1985
21	DIABO (O) Porto	

A Nova Bienal de Paris, que se manterá por dois meses na capital francesa, constitui um verdadeiro convite à viagem. Graças às suas três secções (artes plásticas, som e arquitetura) ela permite ao público «fazer uma viagem» através das imagens, formas e música da criação actual.

O próprio local da exposição é também uma inovação. A bienal, que até agora se realizava no espaço acanhado do Museu de Arte Moderna, em Paris, está agora instalada no que foi em tempos mercado de gado. Construído em 1867 por Jules de Mérindol, aluno de Baltard, o recinto que ainda há dez anos atrás servia para a venda de gado, é um dos mais brilhantes testemunhos da arquitetura metálica do século XIX.

Inteiramente renovada, esta catedral de vidro e ferro, com 19 metros de altura, presta-se particularmente bem à exposição das obras actuais, muitas vezes gigantescas.

Segunda característica desta bienal renovada: a sua vocação e ambições mudaram.

Até ao presente a Bienal de Paris, criada em 1959, estava interdita aos artistas com menos de trinta e cinco anos. Este ano a barreira da idade foi ultrapassada, a fim de permitir o acesso de artistas plásticos confirmados e cabeças de cartaz da cena internacional. Contudo, os jovens representam ainda cerca de um terço dos expositores.

Foi também modificada a forma de selecção para a secção de artes plásticas, o que provocou algumas críticas e tensões.

Anteriormente confiada a comissários nacionais de todos os continentes, a escolha dos artistas foi deixada este ano ao critério de uma comissão internacional única, composta por cinco pessoas – entre elas duas francesas – reconhecidas pela sua competência e profissionalismo.

O antigo sistema apresentava o inconveniente de uma selecção pouco coerente, pecando por vezes pela falta de discernimento. O novo teve por consequência de segundo plano os artistas franceses. A arte dos anos 80 é, de facto, largamente dominada pelos alemães, italianos e americanos. Preponderância que se reflecte nitidamente na Nova Bienal, onde os organizadores querem eliminar todo o «nacionalismo artístico».

O objectivo desta nova bienal é com efeito «dotar a França de uma manifestação artística internacional de envergadura, como o são para a arte contemporânea a Documenta de Kassel e a Bienal de Veneza. Projeto ambicioso, apostado fechado» – profetizam já alguns.

LUDISMO

No entanto, esta bienal já fez sucesso com os seus 21 mil metros quadrados de superfície onde estão patentes obras de 120 artistas plásticos de 23 países.

Logo à entrada, o público é confrontado com três blocos de granito de 4 metros de altura, esculturas do alemão Ulrich Ruckriem.

Uma outra criação imponente é a «Porta de Brandeburgo» de Jörg Immendorff, também alemão. Feita em bronze pintado e medindo 8 metros, simboliza a divisão em duas partes da cidade de Berlim.

O francês Daniel Buren apresenta, por sua vez, uma pirâmide invertida com uma boa dúzia de metros, coberta de um

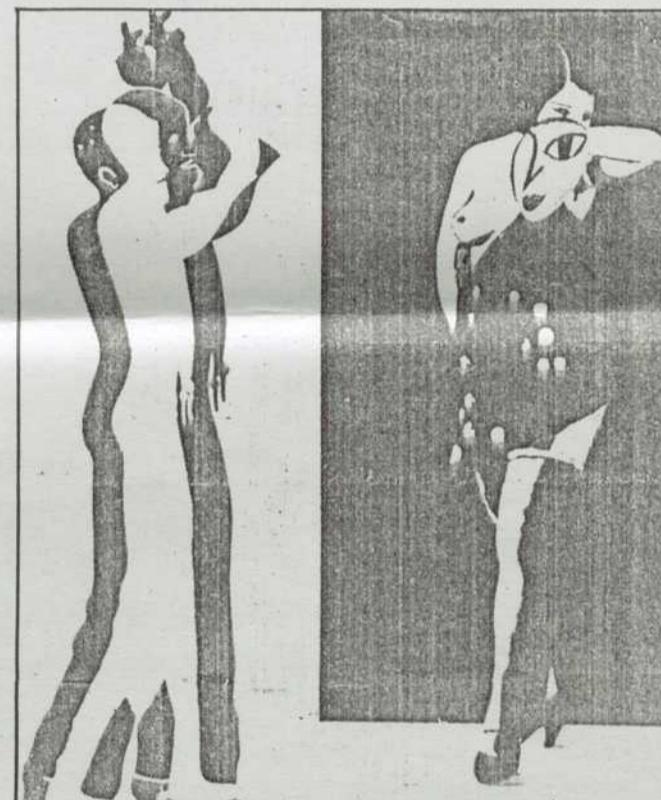
# NOVA BIENAL DE PARIS: UM CONVITE À VIAGEM

tecido às riscas e cujo interior é acessível ao visitante.

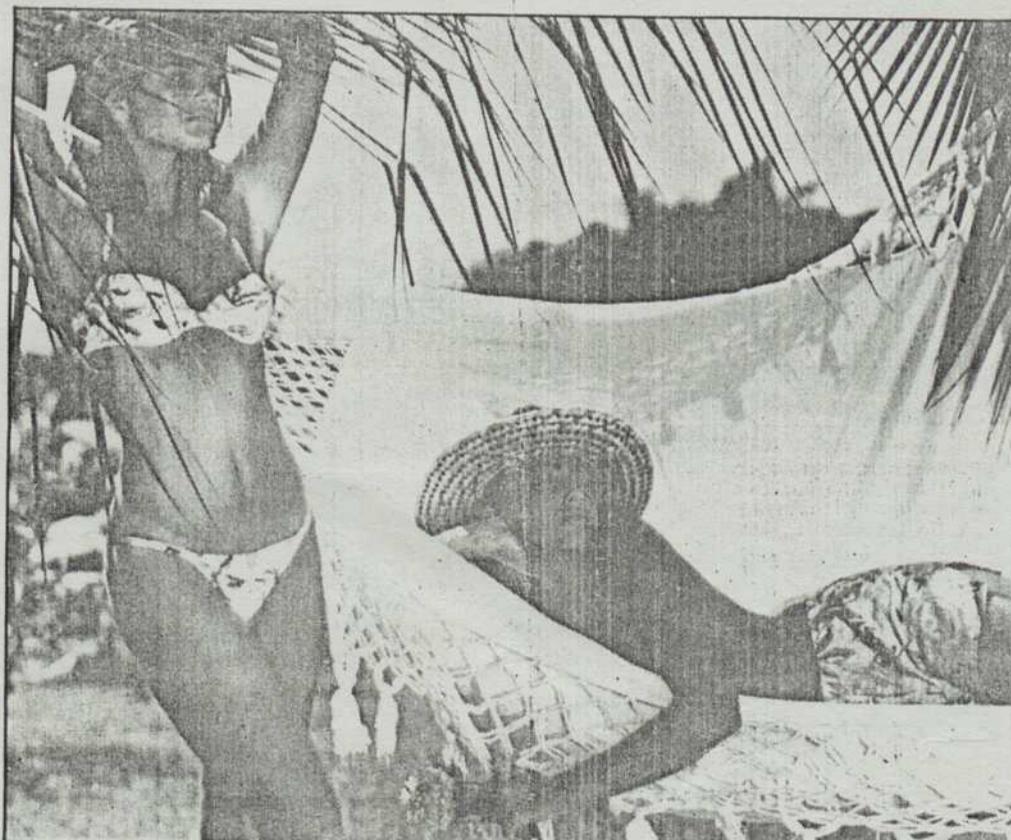
Outro ponto forte da exposição, a grande instalação móvel do suíço Jean Tinguely, baptizada «Pit-Stop 1984». É uma máquina de alta precisão criada pela Renault Art et Industrie a partir de elementos reinventados de um carro de corrida. Um monstro em movimento prisioneiro de um espaço fechado e munido de projectores que emitem, por intermédio de espelhos convexos, sequências televisivas mostrando o «Pit-Stop», ou seja o abastecimento do piloto de Fórmula 1, Alain Prost, durante uma competição. Uma criação fascinante de um mestre do ludismo tecnológico.

A maior parte das obras em três dimensões expostas na bienal resultam da junção da Arte Conceptual e a Arte Pobre. A primeira é um movimento nascido nos anos 60, segundo o qual a ideia prevalece sobre a realização da obra. Trata-se antes de mais para o artista de reflectir sobre a própria natureza da arte. O segundo movimento nasceu na mesma época, e reuniu artistas que empregavam nas suas obras materiais «pobres», inusitados nas esculturas tradicionais, tais como panos, calhaus, madeira e até mesmo matéria gordurosa.

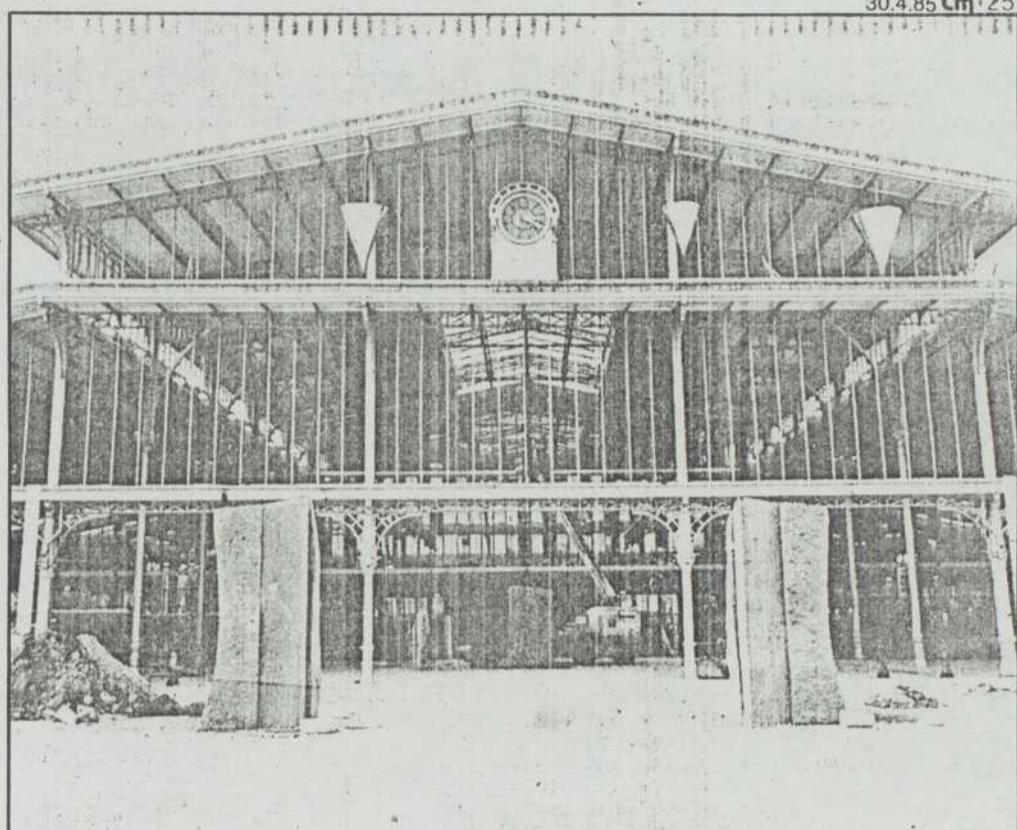
«A Noite Espanhola» uma obra de Eduardo Arroyo patente na Bienal de Paris



«A Noite Espanhola» uma obra de Eduardo Arroyo patente na Bienal de Paris



Uma rede ideal para a sesta



O local onde decorre a exposição (um dos mais brilhantes testemunhos da arquitetura metálica do século XIX) era ainda há pouco tempo um mercado de gado

## Um retrato da cena artística internacional

A Nova Bienal de Paris, pretende ser um retrato da cena artística internacional e nesse âmbito apresenta todas as inovações assim como as novas correntes artísticas.

As obras de duas dimensões (pinturas, colagens) lá patentes, são, na sua grande maioria, uma ilustração da imagem do Homem e da Natureza. Assim, Roberto Matta, francês, criou um enorme fresco épico de 19 metros, intitulado «O Grande Burundun», que ilustra um conto do poeta colombiano Jorge Zalamea (1905-1969).

Todas as correntes pictóricas dos últimos vinte anos estão representadas na Bienal. Assim, a Figuração Narrativa, que pretende «dar conta da realidade quotidiana entendida na temporalidade da história» está lá representada pela mão do espanhol Eduardo Arroyo, do islandês Erro e por muitos outros. A corrente ultramoderna italiana, com Sandro Chia, Francesco Clemente, Enzo Cuchi e os seus imulhos conseguiu a «parte de leão». Criado nos finais da década de 70 pelo crítico de arte Achille Bonito Oliva – um dos cinco membros do comité de selecção da Nova Bienal – este movimento constitui um regresso a uma figuração subjetiva após excesso de teorização dos movimentos conceituais.

Os neo-expressionistas alemães estão também bem representados, com Georg Baselitz, Anselm Kiefer e Markus Lupertz.

Os franceses Robert Combas e Hervé di Rosa testemunham por sua vez, o jovem movimento da Figuração Livre, que exalta uma liberdade total tanto no espírito como na realização.

Também os graffitistas americanos estiveram bem representados nesta vasta fotografia da cena artística internacional e acompanharam o visitante na sua deambulação. Keith Haring foi até ao ponto de ocupar a estação de metro mais próxima desta manifestação.

Quanto ao som, também neste campo a bienal é bastante interessante. O público francês pode descobrir o «Orfeo 2» criado no ano passado em Florença. A ópera de Monteverdi revisitada por Luciano Berio, um dos mais brilhantes compositores italianos actuais, foi transformada numa grande festa popular, um espectáculo de praça pública. Trata-se, para Berio, de transportar a obra do pai da ópera para a nossa realidade, a fim de que «mesmo os que não conhecem Monteverdi sintam a grandeza da sua obra e por ela sejam seduzidos».

Sem ser totalmente bem sucedida – ela traz pouco de novo em relação a Veneza ou Kassel – a nova Bienal de Paris (que dá à arte actual, por vezes mal compreendida em França, o lugar que merece) deve ser apreciada pelo que é: uma vitrina sedutora da arte contemporânea.